

O PORVIR

Propriedade do Club Literario Theophilo Dias

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção a rua de S. João n. 17

Assinaturas por trimestre---1.500

ANNO I

Maranhão, Janeiro de 1902

NUM. 1

Amaveis leitores

Ao despontar pela vez primeira no céu estrellado da magestosa filha de Guttemberg eu—O Porvir—pequeno órgão do Club Literario Theophilo Dias, d'essa modesta associação de um punhado de moços que se dispõem a trabalhar pelo progresso da Literatura e da Arte nacionaes, curvo-me reverente, respeitoso perante vós, trazendo os labios peçados de sorrisos e o coração repleto de esperanças.

Não julgueis que, imitando o exemplo d'esses jornaes deshonestos e insolentes, venha eu trazer ao vosso seio a corrupção das idéas e a prostituição das coisas santas; não: pequeno como vedes já tenho as noções do respeito que se deve tributar á sociedade, e sinto que meu coração só pulsa pelas cousas nobres, só bate sob o impulso bemfazejo do sentimento da honra e da dignidade.

Lançando a vista por sobre as minhas columnas nellas vereis apenas, sentireis somente o culto de veneração pela memoria d'aquelles que se foram, a repercussão do patriotismo que pullula no peito da mocidade, a reprodução fiel dos principios da san moral e das doutrinas salutareis, o perfume meigo, suave da poesia de um coração que sabe amar, o gemido terno, saudoso do queixume de uma alma que sabe sofrer.

Assim pois, O' publico sensato que me ouvis, sede benevolo para commigo e estendei-me vosso braço forte, para que eu possa caminhar esperançoso, resolutu na estrada que se abreante meus passos; e vós, O' virgens meigas, virtuosas, puras, dai-me um d'esses sorrisos carinhosos que desabrocham, de quando em quando, nesses labios carminados, e deixai que eu possa

encontrar abrigo nas vossas pequeninas mãos avelludadas, para que me inspire na pureza de vossos costumes e traga sempre a meu lado um talismão possante contra esses germens de vícios que andam por ali a envenenarem os corações das pobres crianças innocentes.

Um sonho

(A JOSÉ RIBEIRO DE SA VALLE)

Um bellissimo sonho, o que tive na ultima noite de hjar.

Só a sua lembrança dá-me febre de entusiasmo.

Nem sei mesmo como principiar.

Era noite... A lua estava acima do horizonte, e inundava o espaço com os seus esplendidos e errantes raios, de um luar de Agosto; todas as estrellas, todas as nebulosas, todos os planetas com os seus satelites, em sublimo crescente, eram visiveis e adornavam maravilhosamente a abobada celeste!...

Era sobrenatural e por isso mesmo magnifico!

Todos os astros emittiam mais luz do que nas mais noites tropicaes...

Os menores planetas, os satelites menos visiveis brilhavam como brilham ordinariamente Jupiter e Venus.

As estrellas scintillavam como um manto ergastulado de diamantes, embalado pela viração.

A via-lactea adormecida parecia envolvida em uma rede de perolas fina como o gaze.

O céu tinha multiplicado a sua iluminação e exhibido toda a sua ornamentação como um palacio em dia de solemne recepção.

Notei nelle alguma cousa ainda mais extraordinaria: as estrellas, dir-se-ia que, delirantes de alegria,

dansavam, descrevendo, em torno umas das outras, as curvas mais caprichosas, as espiraes mais bellas, as ellipses mais elegantes!...

Evidentemente... sim... havia festa no céu!

O que se passava na terra era ainda mais bello!

Sobre uma collina erguia-se um magestoso templo de puro christal de rocha do Brazil, illuminado por cirios alvos como a neve...

Como era bello o peristilo! que elegantes columnas! e os capiteis de ouro massiço incrustado das mais ricas perolas e gemmas do Oriente!... Em torno do templo apinhava-se a multidão em trajos de gala.

Pude reconhecer num relampaguear os mais característicos tipos de todas as nações...

E despertei!

Olhei em torno de mim. A lampada incendiada brillava desmoldadamente.

Numa allucinação somnambula eu vira, na luz de meu quarto, a illuminação de um céu, o templo illuminado das visões de um sonho tresloucado e phantastico.

Argemiro MORAES.

Dois amigos

(Ao N. MORAES)

Corria suavissima a noite...

A lua bellissima, brilhando serena na profundez do céu, reflectia seus rutilantes raios sobre o espelho prateado do velho mar que, sereno e melancolico vinha, com as suas nostalgicas vagas, quebrar-se amorosamente sobre as areias finissimas da praia extensa...

Dois rapazes, intimamente amigos desde a quadra venturosa da infan-

gia, costumavam ir passear todos os domingos a um sítio próximo da cidade de..., situada à beira-mar, onde havia um elegante chalet, escondido poeticamente entre frondosa arvoredo, e cujas flores, na primavera alegre, exhalavam o mais puro e doce aroma, onde os passaros felizes, quer em noite de luar casto, quer em tardes tristes, e nostalgicas, despediam os seus unaviosos e doces threnos...

Na noite de que tratamos, nesta rapida novella, estavam elles conversando amistosamente no terraço do lindo chalet d'aquelle aprasivel sítio, recesso puro de amenidades, sob a luz do casto luar. Vinha a brisa, doce e harmoniosa n'uma vertigem de virgem, balouçar as virentes franças das arvores do poetico jardim, concertando as suas vozes com o doce quebrar monotonó das vagas preguiçosas, que vinham, apaixonadamente, lamber o lençol alvissimo da praia extensa...

Repentinamente, no meio da harmonia ingenua e enorme da natureza selvagem ergueu-se angelicamente uma voz argentina que melancolicamente cantava...

Diz-se-lhe a voz das serenas, ou dos anjos...

Os dois mancebos fitaram-se admirados. Donde partiria aquella voz?

Ambos voltando os olhares para o jardim descortinavam longe um vulto; vinha de branco, e se aproximando celestemente d'elles, sentou-se a um dos bancos do jardim, ao lado do qual florescia fecundamente uma enorme roseira...

Parecia um cherubim...

Seus cabellos, esparsos sobre os hombros, quasi nus, indiscretamente descobertos pela sublimidade do decote, espalhavam-se aos beijos castissimos da brisa vivida do mar e que no jardim era impregnada com o balsamico aroma que se evolava dos magnolias e rosas.

E, fitando o céu, cantava.

Rithmava uma canção triste, em que confidenciava as estrellas que pontilhavam no céu, mysticamente puro, ás nuvens que passavam ligeiras, ás flores que rescendiam sob o véu branco do luar, os segredos castos da sua alma virgem...

Os jovens ficaram perplexos...

D'onde viria aquella fada?

Ignoravam absolutamente.

Estava-lhes preparado uma illusão indescritivel.

Um dos dois mancebos, o mais

resoluto, desceu ao jardim, levando já dentro do coração ás chammas ardentes do amor...

Quería conhecer aquella, que na solidão merencorea d'aquellas paragens ermas vinha tão divinamente encher-lhes as almas de enlevos e de phantasia.

E aproximou-se... e aproximou-se, porem como as borboletas as nimmices sao muy voluteis...

E a virgem mysteriosa, erguendo-se como por encanto, sumiu-se entre as extensas alamedas do pequeno jardim.

A lua subia... subia no alto azul serenissimo do céu sereno e profundo.

João TEIXEIRA.

SONETO

A

Tu, que contente, passas orgulhosa,
A escaracear de minha desventura,
E não passas, noite de fortuna,
Es muito ingrata, — virgem, vanturosa!

Hoje, soberba, passas, impiedosa,
Lançando-me uns olhares de rancura;
Desgraçado me chammas, sem ternura,
E indifferente foges rancorosa...

E certo, eu vivo triste e maltratado,
E, lembrando o meu amor passado,
Tremelo, arrependido a soluçar!

Sou desgraçado e vivo num delicio,
Tristonho a lembrar cruel martyrio,
Porque adorei a quem não sabe amar!

LAURO DA GAMA.

MUSICA DOS MORTOS

(AO MAXIMO SOBRINHO)

O' cantos de cypreste, ó funereos
Cantos tristonhos, doces, doloridos,
Musica triste e cheia de mysterios,
Que me enieva, cantando em meus ouvidos:

Funehres psalms, trémulos, perdidos,
Subindo ao azul dos paramos ethereos;
Serenos sons de bandolins sentidos,
Vibrando na solidão dos cemiterios;

Pelos tum'los, sem luz, aridos hortos,
Onde medita a paz, teus doces cantos
Semeam sonhos, no dormir dos mortos,

Enchem o espirito de perenne paz,
D'esse que dorme e que não verte prantos,
D'esse que dorme e não acorda mais.

Correia de ARAUJO.

UM CORAÇÃO DE MÃE

Num destes vastos bosques do nosso ubertoso Paiz residia em uma choupana, uma pobre viuva chamada Zelia com um pequeno filho, unico fructo de seu matrimonio. Empregava-se esta pobre mulher em cultivar o campo nas horas em que repouzava seu filhinho. Para o serviço sahia sorratamente ahi de não despertar-lhe. Durante o dia trabalhava no cultivo dos cereaes para sustentar-se e a seu pequeno e a noite fazia o seu serão que consistia em fiar o algodão colhido durante o dia. Na manhã seguinte ia enquanto repouzava o innocente, a uma aldeia proxima vender o producto de seus esforços. Eis que um dia de feira na aldeia sahio Zelia deixando a dormir seu pequerrucho. Na volta vê juncto a cabana uma enorme fera que arremetia a porta querendo arrombal-a. Zelia tremou de susto e desmaiou; depois cobrou animo e dirigio-se ao animal que conservava-se ainda na mesma posição. Zelia botou-se furiosa ao animal que a recebe com desdem.

Atraca com elle para retirá-lo, não conseguindo, luctam e luctam muito; depois de tanto estorço, com a carne do pescoco arrancada pelo animal lembra-se de uma pequena faea que trazia; puxa por elle, sangra o animal e rolam ambos por terra estorecendo-se na areia da morte. Nesta occasião desperta o pequeno e procura por sua mãe, não vendo-a, chama-a e esta, coitada, anciando só lhe respondia por gemidos. O pequeno, sentindo fome e sede, levanta-se de seu rustico leito e sahe a procura de sua mãe. Qual não foi o seu espanto quando viu aquella que tanto amava estendida ao lado de uma fera. Grita amedrontado e atira-se a sua mãe pedindo-lhe de mamar. Esta faz-se surda; a pobre creança chama-a, sacode-a e não lhe respondendo, atraca-se a seu cadaver soluçando, e assim passa trez dias, vindo a fallecer.

Oswaldo GALVÃO.

A caridade é a virtude que mais enobrece o homem.

A instrucção é o pão que mais fortalece a intelligencia.

M. de Cavour.

Soneto

(AO EMILIO PARÇA)

Se é certo que ha um Deus Omnipotente,
Um Deus que tudo vê, um Deus piedoso,
Porque ferir-me o caustico horroroso
De amar essa mulher que amor não sente?

Muita vez, quando fito o azul formoso
Do ceo todo estrellado, eu sinto a mente
Das venturas e tristezas do passado
Da duvida no abysmo tenebroso

Chora, e ao ver os meus sonhos de creança
Desfeitos, vendo a ultima esperanza
Pra todo o sempre para mim perdida,

Quero esquecel-a... Oh! vem, neste delirio,
Que tira-me este amor que é um martyrio,
Oh, piedade Senhor, tira-me a vida!...

Dezembro de 1901.

Hector BRITO.

Saudades

(IMITAÇÃO)

Oh! que saudades que tenho
Daquelle tempo passado,
Daquellas doces caricias,
De ti ó meu anjo amado,

P'ra junto do creador
O' anjo meu, tu voaste,
Foste risonho e contente,
E saudoso me deixaste.

Porém as doces caricias,
O teu riso de creança,
O teu olhar feiçoso,
Me ficaram na lembrança.

E não me apagam da mente,
Nem nunca me apagarão,
A tua imagem gravada
Dentro do meu coração.

REZONOGAL.

Bando precatorio

Sim, tambem o vi: foi pela ultima
vez em que saia, com os olhos
quasi lacrimejantes, com o coração
quasi em soluços tambem tive a
ventura de admirar essa magestosa
procissão de caridade que se exhi-
bia á luz benéfica de um dia placi-
do, risonho. Era na hora em que a
aragem susurrante da manhã vem
embandando os ninhos cantantes que
pendem das frondes das palmeiras.

Passava o Bando precatorio,
Que quadro sublime!...

Uma multidão de homens huma-
nitarios, generosos e uma legião de
anjos meigos, sorridentes a esten-
derem a saccola encarnada á cari-
dade publica!...

E dos mímosos labios nacarinos
das virgens partia, de quando em
vez, uma voz angelica que suspira-
va assim:

«Dai uma esmola para os pobres
lazaros!» A essas palavras sentidas
que eram como que o grito doloró-
so d'esses desgraçados, pulsava en-
têrrecido o coração do povo... e
uma moeda piedosa rolava para a
mão que pedia, levando consigo a
prece de uma alma generosa!

Então, numa expressão singella
de amor, numa expressão singella
de ternura, desabrochava na peque-
nina bocca sorridente um doce sor-
riso de agradecimento. E continua-
vam a pedir, a pedir sempre para
essas almas soffredoras que estão
privadas de amar, para esses seres
infelizes que não encontram um
peito amigo onde possam descansar
a cabeça toda cheia de sonhos mor-
tos.

E o povo, sempre bandoso, hu-
manitario sempre, corria pressuro-
so a trazer a esmola que podia dar.
Talvez que nessa mesma hora au-
gusta, lá do retiro isolado onde el-
les sentem o latego cortante do ven-
to da desgraça, talvez que algum
dos miserandos lazarus estivesse a
retorcer-se em convulsões terríveis,
luctando contra os horrores do mar-
tyrio que os torturam sempre, e
uma pobre criança esfomeada pro-
curasse sugar os mirrados seios da
mãe chaguenta, sem encontrar no
materno corpo o alimento para a
fome que lhe roia as entranhas re-
sequidas!...

E o grandioso Bando, sempre an-
dando, proseguindo sempre, conti-
nuava a estender a saccola á cari-
dade publica, enquanto dos mímo-
sos labios das virgens partia uma
voz que suspirava assim:

«Dai uma esmola para os pobres
lazaros!...»

Guerra JUNIOR.

Nini

A manhã de um bello azul muito
luminoso, banhada de uma viração
fresca e humida, trescalava doces

perfumes de magnolias, rosas e jas-
mins.

Ao fundo do jardim, um elegante
chalet destacava-se por entre a fol-
hagem verdejante das jasmineiras
e trepadeiras que o cercavam.

Gentis borboletas adejavam de
flôr em flôr e rouxinoes enchiam o
espaço com seus melodiosos cantos.

A um lado, um crystallino regato
corria vagarosamente em seu leito,
e alguns patos alvos como a neve,
vinham pressurosos banhar-se nas
suas serenas aguas.

Nini, uma loira e encantadora
menina de treze annos, cujos olhos
azues pareciam dois pedacos do
ceo, brincava com um lindo *Terra
Nova* que alegremente consentia que
lhe cingisse a cabeça com uma co-
rôa de flôres tecida pelas suas pe-
queninas e mimosas mãos.

A' grade do jardim assomava o
vulto elegante de um mocinho de
quinze annos, cabellos negros, tez
morena e olhar ardente.

Mal o avistou, Nini, deixando o
gentil companheiro, correu em en-
contro do seu querido Julio, do seu
priminho, do seu noivo, como elle
o chamava quando estavam sozinhos.

Sonoras gargalhadas e phrases
alegres ressoaram no jardim. Tudo
respirava alegria...

De repente, porém, tornou-se o
semblante de Julio: limmas e olhos
os preparatorios e devia em breve
partir para bem longe a fim de con-
cluir os seus estudos.

Aproximaram-se mais e mais, en-
laçaram-se amorosamente... e o
Terra Nova foi a unica testemunha
dos juramentos trocados por entre
a cavatina de beijos furtivos dados
a medo.

Julio partio e Nini, com o coração
trespassado de saudades, ficou re-
zando por elle, tendo sempre a alma
resignada a esperanza que não
abandona o que crêem.

Dois longos annos são já passa-
dos. Nini, a loira e encantadora Ni-
ni, lá está no mesmo jardim sentada
ao lado do *Terra Nova*.

Mas ah! que differença agora! o
pobre cão, cheio de magoa, espera
debalde uma caricia de sua dona,
mas Nini nem sequer olha para
elle.

Nini chora, Nini soluça, tendo en-
tre as mãos mimosas uma carta que
vae absorvendo aos poucos as in-

grimas que caem dos seus lindos olhos.

E' a noticia da morte de Julio: lá muito longe no meio de gente estranha exalava elle o ultimo suspiro!

E Nini chora, Nini soluça, lembrando-se ainda dos juramentos que ali trocara por entre a cavatina de beijos furtivos...

Gazzi.

Dois mundos

A. U.

Eras a gotta de orvalho,
Eu triste mesquinha flor
Pendida, murcha, no galho
Sem um sorriso de amor;
Eras a aurora querida,
Eu a tarde que delinha;
Tu tinhas crengas na vida,
Eu nem esperanças tinha!

Tua estrella branca e pura
Brilhava linda no céu
Mas a minha trega, escura
A face cobria um véo
Eras um hymno, um perfume,
A luz, a doce harmonia;
Eu a treva,—tu o lume,
Eu a dor,—tu a alegria

Mas veio um dia o orvalho
A vida trazer á flor,
Ergueu-se a pobre no galho
Sorriu-se louca de amor.
A noite bemdisse a aurora,
Na treva brilhou o lume;
—Creio em ti,—espero agora,
Vejo a luz,—sinto perfume.

31—XII—901

Argemiro Moraes.

Visão

A ella

Era noite de horrivel escuridão.
Ouvia-se o rouquejar do trovão,
que se dirigia de norte a sul. Os ventos galernos ericavam as ondulações das arvores gigantes.

Via-se de instante a instante, o rapido clarear do relampago. Após alguns minutos, parecia que as cataractas celestes, se tinham aberto

para cobrir d'agua a superficie terraquea.

Parecia que os filhos de Neptuno e Amphitrite, se tinham confrontado para dilacerar as entranhas do globo. Assim por horas correu o tempo.

Aqui, ali, alem, destacava-se humildes cabanas, cujos tectos eram abalados pelas contorsões do trovão. Os campones tremendo de horror e espanto, curvavam-se ante o poder supremo do Filho de David.

Mas, no entretanto, um homem de estatura gigante, negro como o azeviche, que nas horas daquella noite horrivel, em que até os animaes feroces procuravam abrigar-se contra as austeridades da tempestade, viajava, bradando com altivez;

—Oh Deus! Oh Poderoso! dizem que és justo e forte e santo; assim apregóam teu nome; porém, és fraco e injusto. Porque não fazes parar esta tempestade?

E caminhou. Decorrido um pequeno espaço de tempo, acalmou-se a tempestade. A lua erguendo-se mostrava, com a sua luz clara, uns muros alvacentos, que ao longe se divulgava.

Estaca derepente o caminheiro como que espantado.

Só passava-lhe pelo pensamento, ter errado o caminho depois de uma perigrinação dolorosa.

Continuou, e ao aproximar-se, ouviu uma voz sonora, conduzida pela aura que fazia murmurar as folhas verdejantes das arvores.

Estava num cemiterio; proximo a uma cruz languida, um vulto resava, abraçando-a como outr'ora Magdalena arrependida, prostrada no Calvario.

O viajante com a physionomia alegre e altiva, perguntou-lhe:

—Quem sois, e o que fazeis por estes desertos? O vulto impassivel cumpria sua missão. Perguntou-lhe outra vez, mas nada! nada!

Aproxima-se então, e batendo-lhe no hombro diz-lhe com arrogancia:

—Agora vaes conmigo.

E levou-o.
Corria a arogem da manhã, quando o viajante olhando-o, vé uma mulher bella como Freya, antiga Deusa dos Francos, pura como a pureza do amor do Paulo e da Virginia de Bernardin de Saint-Pierre.

E louco, apaixonado, tenta abraçá-la, mas Corina pura, a pallida Corina, sumio-se no venusto desdobrar d'aurora.

Matto

Noticiario

Em 1.º de Dezembro de 1901, ás 3 horas da tarde, foi installado, nesta Capital, o «Club Literario Theophilo Dias».

Pelos Illustrados cidadãos—General dr. Zacharias de Carvalho, que presidia a sessão, e Major Ribeiro de Moraes, que a secretariou, foram empossados, em seus diversos cargos, os socios eleitos para exercel os.

O distincto General Zacharias, pronunciou uma brilhantissima e animadora allocução, que muito agradou aos ouvintes.

Falaram tambem: Maximo Sobrinho e Nosor Galvão—orador official do club.

Foi então encerrada a sessão.

Todos retiraram-se satisfeitos.

O resultado da eleição procedida para os diversos cargos do «Club Literario Theophilo Dias» foi este:

Presidente—Emilio Parga,
Secretario—Maximo Sobrinho,
Supplente de secretario—Felippe Motta,
Thesoureiro—Argemiro Moraes,
Orador—Nosor Galvão,
Bibliothecario—Oswaldo Galvão,
Cobrador—Luiz Rodrigues.

Por carta particular, sabemos que, no dia 13 de Dezembro de 1901, prestou exame primario, na florescente cidade do Brejo, tendo sido approvado com distincção, o intelligente Achilles Martins, irmão do nosso companheiro de trabalho, Maximo Sobrinho.

Tarabens.

Ao «Club Literario Theophilo Dias» foi dirigido um officio da «Officina dos Novos», pedindo a cooperação daquella sociedade, para a aquisição de um busto de Odorico Mendes, que será collocado na praça que tem o nome deste illustre Maranhense.

Em sessão extraordinaria do mesmo club, realisada em 23 de Dezembro de 1901, foi abraçada com enthusiasmo essa idéa patriottica, ficando, desde então, aberta a subscrição na casa á rua de S. João n.º 17, séde do referido club.

No dia 1 do corrente a Exma. Sra. D. Zaira Nina Rosa distincta Directora do Collegio do Sagrado Coração de Maria completou mais um anno de util existencia.

Por esse motivo as suas alumnas improvisaram uma intima *soirée*.

Passa a 3 do corrente o anniversario natalicio da gentil senhorita Lulú Serra.

«O Porvir» cumprimenta affectuosamente aos seus leitores pelo advento do anno novo.

IMPRESSO NOS ATELIERS DE TYPO-GRAPHIA TEIXEIRA—MARANHÃO.

O PORVIR

Propriedade do Club Literario Theophilo Dias

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção a rua de S. João n. 17

Assignaturas por trimestre---1.500

ANNO I

Maranhão, Fevereiro de 1902

NUM. 2

O movimento scientifico

E

LITERARIO NO MARANHÃO

O Maranhão—este heroico pedaço de terra americana que tem marchado sempre na vanguarda do progresso e da civilização de nossa Patria—vai penetrando aos poucos, como os demais Estados da Republica, no marasmo assustador da crise financeira que nos tem avassallado ultimamente; mas, como que para compensar essa ruina material que pouco vale aos olhos d'aquelles que estão habituados a lutar contra os revezes da fortuna, tem-se notado que a sciencia e a literatura vão se erguendo gradualmente da atonia em que as havia lançado a indiferença criminosa dos homens sem ideaes.

O dinheiro vai desaparecendo progressivamente, arrastando consigo toda essa ostentação ruidosa da opulencia; mas a Idéa, sublime, radiante, vem assomando magestosamente no horizonte que nos cerca, espriando por sobre nós essa immensidade de luz benéfica que purifica os espiritos incultos e santifica as almas peccadoras.

A mocidade maranhense, reconhecendo que a evolução do progresso de uma nação está na razão directa do cultivo intellectual do povo d'essa nação—ella que é patriota—tem-se emancipado da mercia moral em que jazia, concorrendo poderosamente para que o Maranhão volte a occupar o lugar de honra que ja foi a elle conferido no mundo scientifico e literario. De facto, nota-se em todos e em tudo uma animosa febre de enthusiasmo pelo cultivo das letras e sciencias,

sentimento que todos os dias toma maiores proporções, invadindo até aquelles que, como nós, sentem-se fracos para trabalhar pelo alevantamento do espirito nacional.

A frente d'essa phalange de lutadores que se erguem tendo por gladio—a pena e por escudo—o livro, destaca-se o vulto sympathico de Antonio Lôbo—esse môço patriota que em pouco tempo tem conseguido tornar-se conhecido em toda a parte onde as letras tem poissada.

E não é somente da mocidade que partem esses esforços generosos que tendem a reerguer o nome do Maranhão de outr'ora, não; fazemos tambem justiça a essa velhice atquebrada que curva-se para a sepultura com o sorriso nos labios e a fé no coração. Sim, tambem ella tem trabalhado. Ainda ha pouco tempo esse vulto venerando que se chamou Pedro Nunes Leal, cuja alma esvoaça agora naquellas alturas que não nos é dado persequitar, sentindo que a vida ja findar, encerrava-se, sublime de abnegação, entre o leito do soffrimento e a mesa de estudo onde entregava-se com ardor ao trabalho intellectual, dando-nos assim o mais edificante exemplo de amor aos livros e ás letras patrias.

E assim todos lutam, todos trabalham desde a mocidade que surge cheia de esperanças até a velhice que se afasta pejada de saudades, dando em resultado o movimento que nos ultimos annos tem-se notado nesta capital. E ahí está, como prova, essas sociedades literarias em cujo seio acham-se rapazes laboriosos e intelligentes que se dedicam aos livros com a sofregidão que caracteriza os filhos da terra de Gonçalves Dias; ahí estão esses livros e jornaes cujas paginas palpitanes de luz e de per-

fume têm sahido á publicidade. Aqui temos as sociedades: «Officina dos Novos»; «Renascença Literaria»; «Centro Artistico Eleitoral»; «Gremio Litterario Estudantil»; «Club Literario Theophilo Dias», alli os livros: «Os Milagres de S. José de Riba-Mar», comediade Americo Azevedo; «Questões Transcendentes», por Sergio A. Vieira; «Instrucção Civica», pelo dr. A. B. Barboza de Godois; «Obras Completas de João Francisco Lisboa», reimpressão pelo dr. Pedro Nunes Leal; «Fragmentos para a Chorographia do Maranhão», pelo dr. Justo Jansen Ferreira; «Protophonias», excelso volume de poesias de Ignacio Raposo; «Debalde», (romance de Sienkiewicz) traducção de Antonio Lôbo, etc; além, a revista e os jornaes: «Revista do Norte» universalmente conhecida; «A Renascença»; «Jornal dos Artistas»; «Os Novos»; «Avante!» «O Porvir», e outros cujos nomes não nos occorrem agora. Deixamos de incluir aqui muitos jornaes que nasceram e morreram no decurso d'estes dois ultimos annos de que tratamos. Além d'isso estão em via de publicação varios livros de poesias em cujas paginas vibra altisona, divinal a lyra maranhense que nunca dorme, que prosegue sempre.

Concluindo este ligeiro e pallido artigo não nos podemos furtar ao desejo imperioso de bradar á mocidade maranhense, como, de facto fazemos, que nunca esmoreça em meio do caminho que principiou a percorrer, e trabalhe com denodo em prol do alevantamento de sua terra, para que o Maranhão, sempre impavido, resolutos sempre, continue a progredir intellectualmente, patenteando ao Brazil inteiro que só a elle cabe o glorioso nome de Athenas Brasileira, a elle somente.

Devaneio

A' Paulo Barros

Em por uma d'essas noites claras de Agosto em que os olhos gostam de gozar a luz doce e saudosa que desce lá das alturas onde a lua pallida vagueia.

Tão, tão leve como o Corcovado Branco quando deixava a terra em que jazia o corpo querido de Laccina, percorria eu silenciosamente a praia da velha cidade de S. Luiz, levando o coração cheio de saudades de minha terra natal.

Ai! como doe dentro do peito estar a gente, numa noite de luar, distante do lugar onde nasceu, sozinho, despercebido, ignorado, ouvindo, de um lado, as modinhas rústicas dos homens de serviço, deitados ao longo da praia, e, do outro, lá ao longe, as cantilenas ternas e saudosas dos felizes pescadores em busca do alto mar!...

Ai! como doe dentro do peito!...

E fui seguindo o meu caminho com o coração a estalar de dôr; e fui proseguindo na minha peregrina-

ção nocturna por aquellos lugares que faziam-me lembrar de Caxias, que traziam aos meus olhos, avidos de coisas celestiaes, as imagens sorridentes das formosas Virgens queridas da terra de Gonçalves Dias.

O mar bravo, revoltado e forte rouquejava perto de mim; mas o meu peito manso, tristonho, entoava debaixo de canticos de saudades dôce, de longe, de longe, e de longe talvez distante, sentia que a minha alma esvoaçava sob aquelle céu puro, sereno onde as nuvens branquejam com mais belleza, onde a aurora desponta com mais frescor. E eu pensava em minha terra, na terra santa que me viu nascer, e eu pensava nessas moças amorosas de corações bons, de olhos sonhadores que eu tanto amo, que venero tanto.

Aos poucos... aos poucos fui-me tornando inconsciente do que se passava em torno de mim; fui entrando, aos poucos, no paiz mysterioso do sonho, e o meu espirito, e o meu coração lá se foram, num voar louco, incessante, poisar na margem do Itapecurú, onde descança Caxias—ess'outra mãe que

me ouviu os primeiros vagidos de creança.

E continuei a sonhar... a sonhar... gozando as delicias que só se encontram no seio fecundo da «Princesa dos Sertões», mas... fui brutalmente chamado á realidade pelas badaladas duras e pesadas do bronze da velha cathedral. Então, enviando pela viração que bafejava a praia um adeus sentido á terra onde nasci, retornei o caminho de casa e fui procurar no somno um allivio para as magnas que me punham o pobre coração.

Ai! como doe dentro do peito estar a gente, numa noite de luar, distante do lugar onde nasceu, sozinho, despercebido, ignorado, ouvindo, de um lado, as modinhas rústicas dos homens de serviço, deitados ao longo da praia, e, do outro, lá ao longe, as cantilenas ternas e saudosas dos felizes pescadores em busca do alto mar!...

Ai! como doe dentro do peito!...

Dezembro de 1900.

Guerra JUNIOR.

Gonçalves Dias

ODORICO MENDES

E A

Lingua Portugueza

Tractando de Odorico, abri aos ventos todas as velas do meu barco, considerando o merito daquelle muito illustre Maranhense: lembrame que elogiei muito e muito a pureza de seu portuguez, confessando que de quantos hoje vivemos, não sei de nenhum, nem em Portugal nem no Brazil, que o escreva melhor.

Lembrou-me nessa mesma occasião o que por lá e por cá se diz de como menos presamos a boa linguaguem.

Elogiei o Odorico por ser abundante, conciso, energico; mas tambem não concordo com os daquelle opinião, tomada em absoluto, por me parecer que vai tisso excessos de lusitanismo. O Lisboa mesmo não o diz; se acaso reprehende esses descuidos nossos, censura em Portugal, e com muitissima razão—a idolatria viciosa da

frase, photographando em duas palavras o caracter litterario do cego Castilho.

Quasi que bastaria dizer simplesmente—Castilho, porque dos outros é que se poderia dizer com o Evangelho «Oculos habent et non videbunt».

Se admittissemos aquella censura, sem nenhuma attenuação, não resultaria dahi grande mal, visto que entre nós se abusa da facilidade, quasi vulgar, de se escrever com certo geito e graça artiguinhos e correspondencias de Jornal.

Mas para os que não fazem parte do vulgacho litterario, para aquelles aos quaes se pode fallar toda a verdade sem temer de que venhão a abusar della, a questão tem outra face. Pergunta-se: «Os 8 ou 9 milhões de Brasileiros terão o direito de augmentar enriquecer a lingua portugueza e de accommodal-a as suas necessidades como os 4 milhões de habitantes, que povoão Portugal? Pois se queremos introduzir qualquer industria no Brazil, havemos de esperar que daqui nos baptisem as mil idéas que ella suscita?»

A pergunta já em si envolve a resposta; mas porque lhe podem

dar mais latitude que a justa, lá vai a minha prolição de fé.

O conhecimento da propria lingua é sem duvida de uma grande vantagem escrevel-a bem, qualquer que ella seja, só é dado aos grandes engenhos.

Convenção-se pois aquelles, que aspirão a immortalidade das letras, que não ha obra alguma, que se recommende, á imaginação sem o estylo.

E isso assim foi, e é, e ha de ser por seculos de seculos, porque a lingua é a parte material, mas indispensavel das concepções do espirito. E assim como o operario não fara nem uma obra perfeita se não tem os seus instrumentos ou se mal sabe manejar os que possui, o escriptor não attingirá nunca o bello da fôrma si se não tiver preparado de ante mão com o estudo e com o exercicio do mais rebelde, do mais intractavel de todos os instrumentos—a lingua.

Instrumento, a arte, o engenho, eis as tres condições essenciaes; mas a passo que o engenheiro de Deus—o instrumento e a arte, isto é, o estudo da lingua e o estylo, aquelle mais ou menos completo, este mais ou menos aprasivel e for-

Minha vingança

A Antonio G. de Araujo

Dormir, dormir n'um tumulo fechado;
Dormir, dormir n'um tumulo sombrio,
Longe do Mundo, longe do Peccado,
Do mar humano a marulhar bravio;

Sentindo a Morte adormecida ao lado,
Seu labio posto no meu labio frio;
Ouvindo o mocho sobre a cruz pousado,
Soltar a noite o dolores pio...

Eis o meu Sonho! No meu Sonno eterno,
Longe do Pranto, longe da Agonia,
Longe do Mundo—o verdadeiro inferno!

Eu descansado dormirei sonhando!
Quero morrer! p'ra que depois eu ria,
D'esses que forem como eu chorando!

Corria de ARAUJO.

FACE A FACE

Ao Nosor Galvão

Descrença—ó Serpe que nos morde, ó Fera
Que tens as almas presas nos teus dentes,
Cilício d'alma, garra que lacera,
Verme que rói os corações doentes;

Algoz dos sonhos brancos innocentes;
Mão assassina, que espedaça e ulcera,
Héra que cresce nos jardins florentes,
Da mocidade bella—A Primavera...

moso, está ao alcance de qualquer de nós.

Longe de me oppôr a semelhante estudo, sou de opinião que se attenda mais e que os litteratos se dediquem mais profundamente aos bons autores, gregos e latinos, como complemento da lingua patria;—sou de opinião que o Governo do Brasil, seguindo os principios da nossa constituição, tão liberal em materias de ensino, devia mandar reimprimir e vender pelo custo da impressão os bons escriptores portuguezes, pol-os ao alcance de todos, espalhá-os por todos os recantos do Imperio de modo que Vieira, Fernão Mendes e o Padre Godinho e outros fossem por esses centros substituir os exemplares surrados e puídos de Carlos Magno.

Tudo porém tem seu termo. Abjure-se a idolatria da forma e acreditemos que só se podem chamar classicas as obras dos grandes engenhos—obras que primem pela idéa, com quanto revestidas de todas as louçanias de estylo. Bons veredores de palavras de lei apenas servem para complemento dos bons dictionarios. Chamem-se emboras classicos, muitos delles, são

Minh'alma louca, que a sorrir te escuta,
Ei-la do sonho pelo espaço errante,
Ei-la n'arena prompta para a Lucta!

Eis me na liça: affronta-me Colosso!
Que no combate te actaras deante,
Do espirito forte e sonhador de um Moço.

Corria de ARAUJO.

Divagações

(Ao Leoncio Rodrigues)

A lua imprimia seu derradeiro
beijo de luz nas aguas tranquillias.
As aves ainda nos ninhos calavam-se adormidas.

A brisa em silencio passar embalava os juncaes a beira do lago adormecidos, e a gaze das neblinas fluctuava nas sanefas do firmamento azul.

Como as campinas são cheias de flores! que doce harmonia vai no ciciar da folhagem!

O lago é uma concha de saphiras e na concha, como a gotta de neve na rosa que se entreahe, dormem as aguas.

intoletraveis. Eu de mimro confesso que os leio a boa somma delles, como por castigo, e confiado na infinita misericordia divina, que me levará em conta esta penitencia voluntaria.

Apesar de todas estas clausulas e reservas fica ainda muito para a minha proffissão de fé, quanto a orthodoxia de linguagem. Repito-a, para que não vá alguém suppor que fallo com menos reverencia de cousas, que merecem respeitadas. Posto o que, entremos em materia. Se estou fóra della, já vai sendo tempo disso.

Em primeiro logar a nossa lingua é riquissima, mas até a sua idade d'ouro; mas dali por diante não acompanhou os progressos do seculo, nem mesmo os desta nação, de modo que ha difficuldade summa, se temos a mania de parecer classicos (no sentido luso da palavra) ha muitas vezes impossibilidade absoluta em se exprimir cousas, que aliás são vulgares. Para dizer o que hoje se passa, para explicar as idéas do seculo, os sentimentos desta civilização, será preciso dar novo geito a frase antiga e é esse o grande merecimento de Garret.

Sonhemos pois, ante o leito tepido das ondas que deslizam!

O fada d'esses reinos azues, ó genio que cantaes nas ondulações do favonio rapido, mandai que a Naide prolongue a sua carreira, que o Somno deixe cahir seu sceptro de sonho nos encantos sublimes da observação magica!

Sonhar!... sonhar!... idyllio da vida, myrtho dos deuses nas noites pallidas de insania...

Quando Dianalizer echoar os sons de sua trompa de caça no silencio das montanhas, e o pastor sair do aprisco com os seus rebanhos alvacentos, a virgem bella virá ao nosso encontro; mas nós, impellidos pela claridade nascente no horizonte, calar-nos-emos no nosso palacio de sonhos, feito de coral.

Corôemos a sua frente de açucenas, tec-mos viçosas corôas que lhe engrinaldem a coma loira, e que ao resvalar pela manha a onda que mansa se escôa, ella vagueie pelo lago, como o mais bello thesouro concedido aos inertes pelas Naides felizes.

Despertemos! despertemos!

Otorico, porém, traduzindo Homero e Virgilio, achou-se no veio mais rico do ouro portuguez:—no seu caso seria imperdoavel esmolar.

Mas os nossos rapazes estão n'outro caso. Se não fazem do portuguez o seu estudo unico e quasi que exclusivo, também não se contentão, os bons, que temos, com a fraudulagem de máos romances francezes. Lêem mais do que isso; estudão as litteraturas ingleza, e allemã, e da Hespanhola e Italiana encontras mais de dez no Brazil por um que em Portugal se applica a taes litteraturas.

Menos leitura de Portuguez, mais e muito mais licção dos outros auctores,—dão-lhes mais idéas e no mesmo ponto os acanhão, menos por deficiencia do conhecimento da lingua, como porque esta está muy longe dessa presumida riqueza, de que fallamos tanto, á força de convirmos repetido.

Continúa.

Nota—Esta carta é do immortal «Gonçalves Dias» a seu collega «Dr. Pedro Nunes Leal». Foi copiada, para «O Porvir», do proprio autographo do genial poeta. Grêmos datar de 57 à 61. É inédita.

Na brancura dos corcós da Aurora as nuvens começam a lavar os seus negros; a ave despede o vôo do ninho pendido nas frondes das arvores e a natureza toda começa a agitar-se; a hora do amanhecer foi vibrada pela luz crepuscular.

Argemiro MORAES.

Chromo

Ao Totó Gomes

Descamba o sol de manso no horizonte,
E, á morna luz, parece ensanguentada
A casa pequenina e rebocada,
Que de longe se avista sobre o monte.

Ouve-se perto o soluçar da fonte,
A brisa embala a copa delicada
Da palmeira gentil e recortada...
Descamba o sol de manso no horizonte.

Fuma o roceiro á porta da casinha
E com a cuia na mão uma velhinha
Chama as gallinhas sacudindo o milho.

Junto á janella a moça alegremente
Soprando esfria a papa que está quente
Tira com o dedo, prova-a e dá ao filho.

Heitor BRITO.

Janeiro de 1902.

Literatura no Maranhão

A. C. Bayma de Carvalho

Desta pleiade de maranhenses que ora illumina o mundo literario, existem aqui em nosso seio vultos eminentes, talentos privilegiados dignos de respeito e admiração.

E' mister apresental-os ao mundo, afim de ver que o Maranhão não perdeu nem perderá nunca o glorioso nome de «Athens Brasileira».

Dentre estes destaca-se Antonio Cesar Bayma de Carvalho—poeta primoroso—verdadeiro sucessor de «Trajano Galvão».

E' este poeta vulgarmente conhecido por «Toné Carvalho».

Eis alguns traços de sua vida:
Nasceu Toné Carvalho a 25 de

Fevereiro de 1845, no sitio Presidio, a margem direita do rio Mearim.

E' filho legitimo do capitão Raymundo Alexandre de Carvalho e de d. Maria Cedlia Bayma de Carvalho, já fallecidos.

Estudou preparatorios na capital de seu estado natal, e depois de os terminar voltou a seu patrio lar onde, embelleçado pela vida campestre, resolveu residir. Casou-se em 1869 com a exm.^a sra. d. Augusta C. dos Reis, que ainda é viva.

Residiu Toné ahí, em Presidio, até em 1890, quando mudou-se para a capital deste estado.

Aqui chegado foi convidado a collaborar no *Diario do Maranhão*, onde até hoje collabora, e no jornal *Cruzada* onde escreven chistosas satyras.

Foi empregado no Thesouro do Estado, onde chegou a ser 2.^o Escrip-turario, cargo que sempre exerceu com pericia e em que foi aposentado em 1900.

Infelizmente acha-se hoje Toné Carvalho doente e debaixo de uma impressão horrivel que o tem acabrunhado bastante.

Mesmo assim, sua penna não para, mesmo assim sua lyra não deixa de dedilhar; pois o vemos, embora sem aquella sagacidade do costume, nas columnas do *Diario do Maranhão*.

Ha bem pouco tempo ouvimos, das muralhas da rampa, uma gentil menina recitar, por occasião da chegada de D. Luiz, uma bonita poesia de Toné, que para este fim compoz.

Vimos ligeiramente o seu livro—*Gampesinas*—poesias, (inedito). Notamos que o poeta ora se revela com um lyrismo inexcadivel como na poesia, *Solidão*; ora vem-o como poeta descriptivo, de primor, como nas poesias, *Tapera*, *N'um Album* e *O Mearim*; e as vezes o poeta como que se revolta contra o seu genio lyrico e de sua lyra chispam vehementes versos, em estylo alto e sonante, como: *Redivivo*, *O Canto de Liberto* e *Maldição*.

Porém onde seu genio fulgura é no genero humoristico ou satyrico é, especialmente, no descriptivo, que no nosso fraco entender, o poeta devia cultivar com insistencia.

Para que os leitores fiquem conhecendo Toné, daremos aqui uma das suas mais bellas poesias, talvez a mais tocante.

N'um album

I

Nem um desgosto enlutece o peito
Ao bom velho, á quem todos rendem preito
De sincera amizade!
Alegria ao trabalho só mistura
No lar hospitaleiro... onde a ventura
Uniu-se a caridade!

Jamais vaidosas honras cubicara...
Nem a nobre cerviz jamais vergara
Ao ouro que seduz!...
Ouro—patrono de nefandos crimes...
Que d'alma as virtudes mais sublimas
Em torpeza traduz!...

II

Uma por uma as telhas vão cabindo!...
Uma por uma as fibras vão ferindo
Magoado o coração!
Quêdo soluça—lembrando seu passado—
Ao desabar do tecto idolatrado
Venerando ancião!...

Curva a fronte senil o varão forte!...
Nem uma queixa á dura, varia sorte
Vem seus labios roçar!...
Mas... pranto copioso a face serra
Vendo a filha querida, que na terra
Sosinha vae deixar.

E' bella!

Ninguém pode contestar.

A scena que ahí está descrita parece que a temos diante das vistas

Toné, este—«poeta lyrico descriptivo—de primor—e humoristico de alto espirito e espontonea graça,» é mais uma gloria maranhense, é mais uma estrella que scintilla no céu da contemporanea literatura brasileira.

Apresentamos o poeta.

Agora é necessario que alguém mais competente do que nós, faça uma apreciação sobre as poesias deste inspirado vate.

Desculpe-nos o poeta Toné Carvalho, si com estas poucas linhas, nascidas do coração, fomos melindral-o naquillo que muito presa e acata—a sua modestia.

Julio RIENSI.

O Club Literario Theop... Dias agradece penhorado a população e a imprensa o bom acolhimento que deram ao seu jornal «O Porvir».

IMPRESSO NOS ATELIERS DE TYPO-ORAVURA
TEIXEIRA.—MARANHÃO